

**Elizabeth Ferreira
Edgar Miranda
Aline Viégas**

UM CONVITE AO DESEMPAREDAMENTO DAS INFÂNCIAS



Rio de Janeiro, 2025

**UM CONVITE AO
DESEMPAREDAMENTO
DAS INFÂNCIAS**

**Elizabeth Ferreira
Edgar Miranda
Aline Viégas**

**UM CONVITE AO
DESEMPAREDAMENTO
DAS INFÂNCIAS**

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E
CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

F383 Ferreira, Elizabeth de Souza
Um convite ao desemparedamento das infâncias / Elizabeth de Souza
Ferreira, Aline Viégas Vianna, Edgar Miranda da Silva. 1.ed. – Rio de
Janeiro : Imperial Editora, 2025.

61 p.

Bibliografia: p. 59.

ISBN: 978-65-5930-258-1.

1. Educação infantil - Estudo e ensino. 2. Educação ambiental
crítica. 3. Meio ambiente e crianças. 4. Prática docente. I. Vianna, Aline
Viégas. II. Silva, Edgar Miranda da. III. Colégio Pedro II. IV. Título.

CDD 372.357

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

RESUMO

Esse *e-book* é o produto educacional construído junto à pesquisa 'Desemparedamento das infâncias: uma mudança paradigmática do fazer docente' realizada junto ao Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB/CPII) Pautado em estudos e referenciais teóricos sobre a relação da criança e a natureza, em espaços abertos fora das salas das creches e escolas, esta produção foi construída a partir dos resultados da pesquisa que teve a sua geração de dados através de um minicurso, ministrado pela pesquisadora junto a professores e equipe diretiva de uma unidade municipal de educação infantil (UMEI) localizada em zona urbana no município de Niterói, Rio de Janeiro. Além disso, este produto educacional também traz uma reflexão sobre 'o que é' o emparedamento, 'por que' devemos superá-lo e alguns caminhos viáveis para realizá-lo, como por exemplo, a formação docente. Desta forma, o minicurso ministrado junto aos professores e equipe diretiva foi um artefato desse produto educacional e que, juntamente com os dados construídos ao longo de sua aplicação, constituíram-se como subsídios para a elaboração deste *e-book*. Portanto, este produto tem o intuito de responder à seguinte pergunta/problema da prática: Como tornar as vivências das unidades de educação infantil mais comprometidas com práticas docentes voltadas para o Desemparedamento das Infâncias? Tem, também, o objetivo principal de incentivar profissionais da educação a investirem em práticas desemparedadoras, em suas unidades de educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil, Desemparedamento, Infâncias, Prática Docente, Formação Docente

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
1. O que é o emparedamento infantil?	8
1.1 O desemparedamento físico, mental e social.....	10
2. Por que precisamos desemparedar nossas crianças?	21
2.1 Saúde e bem-estar.....	22
2.2 Educação ambiental crítica.....	26
3. Novos espaços do fazer docente	32
3.1 Formação continuada.....	33
3.2 Sugestões para a construção de um minicurso/roda de conversa.....	35
3.3 Desemparedamento em ação.....	42
4. Sugestões de algumas atividades para ambientes externos a partir das práticas pedagógicas realizadas pelos professores da UMEI Regina Leite Garcia.....	44
5. Sugestões de materiais complementares.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE – A.....	60

APRESENTAÇÃO

Caro Leitor, sugerimos que leia este e-book fora das paredes. Vá para um ambiente externo, embaixo de uma árvore, em um jardim, em uma praia, ... Este Produto Educacional (PE) tem o intuito de incentivar e auxiliar professores e gestores a superarem práticas de emparedamento, que consistem em manter crianças de educação infantil durante longos períodos do dia dentro de salas de aula negando a elas vivências nos espaços abertos das escolas, junto à natureza (Tiriba, 2018).

Através da pesquisa de dissertação realizada ao longo do curso de mestrado profissional, intitulada '**Desemparedamento das infâncias**: uma mudança paradigmática do fazer docente', foi elaborado este produto com o objetivo de incentivar e estimular o desenvolvimento de práticas desemparedadoras e libertárias.

Seguindo as orientações dos Mestrados Profissionais, este PE tem o intuito de responder à seguinte pergunta/problema da prática: Como tornar as vivências das unidades de educação infantil mais comprometidas com práticas docentes voltadas para o Desemparedamento das Infâncias? Concomitantemente à construção de respostas/reflexões sobre este problema da prática pedagógica, esse Caderno Pedagógico tem o objetivo principal de incentivar profissionais da educação a investir em práticas desemparedadoras, em suas unidades de Educação Infantil. O Caderno Pedagógico tem formato de e-book para facilitar a divulgação e acesso pelas plataformas digitais.

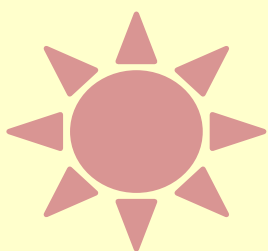
O produto foi validado após rodas de conversas com os professores e equipe diretiva da Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) Regina Leite Garcia. Esta UMEI fica localizada no bairro Fonseca, zona urbana do município de Niterói e atende crianças de 2 a 5 anos de idade em horário integral.

A partir das rodas de conversas com a equipe da UMEI observamos que os seguintes elementos deveriam constituir o PE: o primeiro é que os professores necessitam conhecer mais sobre o tema, ampliando sua formação; também observamos a importância da existência de momentos para reflexões e trocas

de sugestões de atividades pedagógicas e estratégias. O público-alvo deste Caderno são os professores, gestores escolares e secretarias de educação.

É importante salientar que este PE foi sugerido para contextos urbanos. Diferentes realidades socioculturais e geográficas, como por exemplo escolas do campo, indígenas e quilombolas não foram contempladas por serem realidades muito específicas dentro do contexto deste trabalho.

Este e-book inicia-se com uma conversa sobre o emparedamento infantil e traz uma reflexão sobre a importância de o superarmos em prol de uma formação integral de nossas crianças, onde a conscientização e a sensibilização em relação ao meio ambiente possam estar presentes; em seguida apresenta algumas das diversas dificuldades que professores e gestores encontram nessa caminhada, apontando maneiras de superar algumas das limitações encontradas; por último, apresenta sugestões de atividade e materiais complementares para que o professor possa ampliar seus conhecimentos sobre a temática. Para que tenhamos um contexto do chão da escola nas reflexões que propomos, esse e-book foi construído a partir dos diálogos das rodas de conversa realizadas na UMEI Regina Leite Garcia.



Convidamos professores, diretores e pedagogos a lerem e aplicarem as ideias contidas nesse e-book para que nossas crianças possam ter vivências mais significativas em contato com espaços abertos e a natureza.

Vamos desemparedar?

Local: Na sua unidade de educação infantil

Quando: A partir de agora

Te espero nesta longa caminhada!



Capítulo 1: O que é o Emparedamento Infantil?

O referencial teórico deste produto educacional parte do conceito de emparedamento das infâncias criado pela pesquisadora Lea Tiriba (2018):

Criei a expressão “emparedar” para designar a ação de manter as crianças entre paredes nos muitos espaços além das salas de atividades das Instituições de Educação Infantil (IEIs) – dormitório, refeitório, sala de vídeo, galpão -, e também para expressar a condição de emparedamento a que são submetidas. (TIRIBA, 2018, p. 17, aspas da autora)

Como contraponto ao emparedamento, Tiriba (2018) defende o ‘Desemparedamento das Infâncias’ através da reorganização das rotinas e espaços das instituições de Educação Infantil. Essa nova visão pedagógica busca oferecer às crianças vivências de qualidade nos ambientes externos dessas instituições. Ao desemparedar as crianças devemos oferecer-lhes experiências com a natureza onde haja respeito com o meio ambiente, cuidado e noção de pertencimento com a natureza, pois “O primeiro desafio é de reconectar-se com a natureza, porque este é o caminho possível para o planeta. Em busca de novas perspectivas socioambientais, o desafio é religar, desfazer o colapso provocado pelo desenlace forçado, artificial” (TIRIBA, 2018, p. 41).

Com o crescente número de unidades de Educação Infantil de horário integral, cada vez mais as crianças passam muito tempo nesses espaços. Chegam bem cedo e saem quando o sol já está se pondo. Sendo assim, aumentou o tempo e também a responsabilidade de oferecer uma educação integral que respeite as necessidades das crianças por parte dessas instituições.

São inúmeros tipos de arquiteturas dessas instituições infantis: casas adaptadas, prédios novos, contêineres adaptados, escolas com arquiteturas antigas etc. Algumas com muito espaço externo, outras com pouco. E nesses contextos diversos, uma coisa é comum a todas as instituições: as salas de aula.

Lea Tiriba (2018), aponta para a realidade de muitos espaços escolares de Ensino Fundamental que são caracterizados por turmas de crianças enfileiradas em uma sala de aula, que pouco podem conversar com seus colegas. A professora na frente passando a lição ou escrevendo no quadro. Um tempo curto e cronometrado do horário do recreio e após o retorno para a sala de aula. A criança tem permissão para sair de sala poucas vezes em casos de necessidade de ir ao banheiro ou beber água. Utiliza a quadra ou outros espaços externos em

aulas de educação física, quando tem esse profissional na escola, o que normalmente acontece uma vez na semana. Essa realidade do Ensino Fundamental é, infelizmente, muitas vezes transposta para a Educação Infantil que por vezes realiza atividades que aprisionam os corpos das crianças e inibem seus movimentos através de rodinhas que imobilizam as crianças no chão, filas, muitas mesas e cadeiras nas salas. Coutinho (2022) defende que:

As instituições de Educação Infantil devem ser um lugar de liberdade, que respeita os interesses das crianças. Não se deve limitar ao espaço fechado, mas proporcionar momentos em ambientes externos com a interação de ambientes naturais que potencializam a aprendizagem e o desenvolvimento (Idem, p. 46).

Outro ponto preocupante é que muitas crianças ao saírem dessas instituições vão para suas casas, sendo algumas delas apartamentos pequenos sem espaço de lazer para essas crianças que por falta de rede de apoio das famílias, ambiente apropriado ou de conhecimentos dos responsáveis, acabam por serem expostas às telas por longos períodos de tempo. Maria Montessori (1965, p. 65), em seu livro *Pedagogia Científica*, já se preocupava com esta realidade "em nossos dias, numa sociedade civilizada, as crianças vivem muito alheias à natureza e são bem raras as possibilidades que desfrutam para manter um contato íntimo com ela ou enriquecer-se com experiências nela vividas."

Em que momento do dia as crianças tomam sol? Quando podem sentir a brisa ou brincar com a chuva? Qual horário podem se sujar com a terra? Quando vão correr livremente atrás de uma bola? Que horas serão apenas crianças e não alunos que devem ficar sentados em suas carteiras por um grande período do dia?

1.1 O desemparedamento físico, mental e social

Em um primeiro momento da roda de conversa, observamos que a questão da estrutura e espaço físico das escolas fica em evidência quando falamos em desemparedar, porém a análise dos dados e o referencial da pesquisa 'Desemparedamento das Infâncias: uma mudança paradigmática do fazer docente' nos indicaram que o emparedamento também é mental e social

uma vez que outras questões (como por exemplo: o medo, a rotina e o planejamento coletivo) influenciam nesta prática. Vejamos abaixo alguns fatores que podem limitar o desemparedamento:

O Medo:

O medo a princípio pode não ser algo tão ruim. Faz-nos ter cuidado e pensar em modos de nos proteger e pensar em estratégias para fazer algo sem correr grandes riscos. Porém, o medo que congela, que não nos deixa agir, que restringe a liberdade das crianças e movimentos infantis e que trava nossas ações não é saudável. Tiriba cita Foucault em seu livro, 2018, p. 37 “Emparedadas, elas vão sendo despotencializadas, adormecidas em sua curiosidade, sua exuberância humana. Como diria Foucault (1987), seus corpos vão sendo docilizados. Sua subjetividade vai sendo modelada”. Neste contexto o medo produz não apenas um emparedamento físico, mas também mental e corporal. O medo impede as crianças de explorarem os espaços e os movimentos de seus corpos livremente.

O medo, quando falamos em desemparedar, impede que crianças cresçam com saúde e ainda diminui a conexão criança-natureza dificultando ainda mais o desenvolvimento de uma Educação Ambiental nas vivências da Educação Infantil. Segundo Richard Louv em sua obra ‘A última criança na natureza’:

O medo é a força mais potente que impede os pais de permitir aos filhos a liberdade que eles mesmos tiveram quando eram jovens. O medo é a emoção que separa uma criança em desenvolvimento dos benefícios plenos e essenciais da natureza. O medo do trânsito, da criminalidade, de desconhecidos - e da própria natureza. (LOUV, 2018, p.143)

Esse medo, citado pelo autor em relação aos pais, também foi observado em relação aos professores que participaram da roda de conversa. Medo que a criança se machuque no espaço externo da escola (como se ela não se machucasse por vezes dentro das próprias salas e pátios cobertos),

medo da violência local, medo de que as crianças retornem para casa sujas, medo dos 'perigos da natureza', medo de doenças, medo de perder o controle da turma... Como se aquilo que acontecesse dentro de uma sala de aula os professores estariam resguardados, pois esse é o lugar onde as crianças deveriam estar... Mas, o que acontecesse nos espaços externos, seria de responsabilidade do professor, pois este poderia ser julgado pelo fato de que as crianças não deveriam frequentar esse espaço.

Este medo de deixar a criança livre em contato com a natureza inicia-se na família, reflete na escola e até mesmo em documentos oficiais da Educação (Tiriba, 2018). Não que sejam medos totalmente irracionais e que devam ser descartados. Pelo contrário, as escolas precisam analisar esses medos, colocando-os como figura de estudo e buscando sua superação para que esse medo vire um fator potencializador e não inibidor do desemparedamento.

Tiriba (2018), cita algumas ações que a escola pode fazer para superar essa visão do medo do espaço aberto nas unidades de educação infantil, como: conversar com as famílias buscando superar suas inseguranças em relação aos medos de deixar as crianças brincarem com elementos da natureza e enfatizar a importância delas frequentarem espaços fora das salas; conversar com as próprias crianças sobre suas ações nesses espaços abertos.

Outras medidas devem ser tomadas em relação à superação do medo de as crianças frequentarem espaços abertos das escolas, de acordo com cada realidade local. Mas é importante o medo se tornar um impulsionador de melhorias dos espaços externos e ações pedagógicas, e não um sentimento que impeça as crianças de frequentarem espaços ao ar livre, em contato com a natureza. Vejamos o diálogo entre as professoras J e E abaixo:

J: E, você tem medo deles se machucarem ou deles se sujarem?

E: Nenhuma coisa nem outra. Se cair é normal, né? Se cair, eu vou ligar, eu vou pedir pra ele passar pelo processo. Qual é a regra da escola? Se cair, se machucou, direção. É muito

grave? Hospital. Não é muito grave? Faz ocorrência. Tem regra, gente. Tem regra, mas é um parquinho, né? Se cair no parquinho, o que a gente vai fazer? Não é isso?

Abaixo, a professora E relata os medos e as ações nas atividades de desemparedar crianças de dois anos:

E: Uma colega falou 'não, pode acontecer alguma coisa'. Aí, eu falei, vamos fazer um teste? Eu vou de dois em dois. Se eles gostarem, a gente leva todo mundo. Aí, ela falou assim, tá, leva dois. Eu fico aqui. Aí, eu trouxe dois. Pintaram e bordaram, adoraram. Voltei. Deu super certo. (sobre ir ao jardim com a turminha de dois anos)

Neste diálogo e relato observamos a professora E encorajando seus colegas a superarem seus medos e mostrando possibilidades de ocupação desses espaços. Em um primeiro momento ela fala sobre o que deve ser feito no caso de alguma criança se machucar e mostra que é a mesma regra se ela se machucasse em qualquer outro lugar da escola. Observamos com essa fala que a professora E já sente este espaço do jardim como sendo um espaço comum da escola. No segundo momento, a professora E relata que até teve medo no início em levar a turma de dois anos ao jardim, mas que buscou meios de superar esses medos, que foi levá-los de pouco em pouco no primeiro momento. Estratégias como essas ajudam a superar o medo e a oferecer às crianças pequenas e bebês novas vivências.

A estrutura física

As características dos espaços físicos externos ofertados nas escolas também são um aspecto que pode aumentar ou diminuir a sensação de medo em ofertá-los às crianças. Espaços físicos deteriorados, com lixo, muito mato, por exemplo, pode não ser convidativo para bebês e crianças pequenas. O espaço físico da UMEI foi visto como fator limitante pela equipe. A professora J questiona em dois momentos:

J: Mas o que fazer? Escola estruturada precisa de parede;

J: E também a de convir que não tem muito o que fazer né? Na questão estrutural, estruturalmente falando

T: Vamos quebrar mais umas coisas aí, pessoal.

J: Esse espaço. Quero quebrar ali do lado. Ali do lado eu quero quebrar. Quero quebrar tudo.

Estas professoras se preocupam com a própria estrutura física da UMEI e seus espaços e reconhecem como é difícil a superação do emparedamento quando chegamos em uma escola já com uma estrutura posta e se esta estrutura não facilita o desemparedamento das crianças, isto se torna um grande desafio para a equipe pedagógica daquela unidade.

No caso da UMEI estudada, a estrutura física do primeiro andar é algo bastante criticado pelos professores: suas janelas dão de frente para o muro da escola e ainda são cobertas por um toldo, fazendo com que as crianças não tenham visão de nenhum elemento da natureza, apenas do concreto e o ar mal circula. Os próprios professores se sentem mal com essa estrutura. Tiriba, 2018, faz o seguinte questionamento:

“Não é difícil imaginar a satisfação das crianças, a sua alegria ao observarem o mundo lá fora, o céu, o vento nas árvores, a chuva... a sua alegria diante da movimentação, de animais, carros e pessoas, especialmente as conhecidas... Que significados, que aprendizagens possibilitam essas interações com o mundo social e natural que circunda os espaços onde a vida, cotidianamente, transcorre! Que direitos estão sendo desrespeitados quando as crianças não têm sequer acesso visual ao universo de que são parte? (TIRIBA, 2018, p.73)

No ano de 2018 em sua pesquisa de doutorado, a professora Lea Tiriba já fazia esses questionamentos que continuamos a fazer. Quem não gosta de desfrutar e descansar na vista de uma janela? É um aspecto simples cerceado a várias crianças pelo Brasil a fora: o de observar o movimento em torno de sua escola. Mas sabemos que apenas janelas com vistas bonitas não seriam o suficiente. É necessário uma conexão real com a natureza e seus elementos e a liberdade dos movimentos dos corpos das crianças. Neste contexto, a

estrutura física se torna um fator limitante para que as crianças tenham seus direitos respeitados e as possibilidades seriam modificar esses espaços e ofertar os espaços externos das salas para as crianças, diariamente, quando tiver.

Em contrapartida a esse emparedamento físico das salas, nossa UMEI conta com uma quadra localizada na Associação de Moradores do bairro, bem ao lado da UMEI, porém que fica do lado de fora dos muros da escola; um hall de entrada que é grande parte coberto por uma estrutura de alumínio e um pequeno jardim. Na pesquisa, os professores pontuaram que existem fatores limitantes, mas que também existem potências nos espaços físicos da UMEI e que a existência desses espaços já seria algo positivo.

T: Aqui assim, pelo lado de outras UMEIS, mas a gente ainda tem algum escape, tem o jardim, você direcionando, você ainda vê o sol e as crianças também. Mas eu fico me perguntando nos espaços que de fato não tem, né? Nada. Que deve ser assim, você entrou, você saiu, já saiu outro tempo, já saiu outro turno, e você nem se deu conta.

A preocupação dessa professora diz respeito sobre as construções de creches e unidades de educação infantil que se dão nos grandes centros urbanos. A maioria sem espaço verde, sem áreas externas potentes para as crianças brincarem. Sempre espaços cobertos, cimentados, com grama sintética, brinquedos de plástico; como é o caso do parquinho da nossa UMEI. Nas outras falas as professoras reconheceram nosso privilégio enquanto unidade de educação em ter os espaços (jardim, hall de entrada, quadra da associação dos moradores). Porém, necessitamos ocupá-los com as crianças.

A falta de materiais e a conservação dos espaços

A falta de materiais para serem utilizados nos espaços pode dificultar as propostas pedagógicas ou limitá-las. Materiais como bola, bambolês, corda...

poderiam enriquecer as brincadeiras nos espaços externos. Pás, regadores, panelinhas, podem enriquecer as atividades nos espaços de jardim, por exemplo. A conservação e limpeza dos espaços externos são muito importantes para a segurança das crianças pequenas.

Fatores naturais

Fatores naturais como muito calor, mosquito, chuva, ventos fortes podem dificultar ou até mesmo impedir o uso dos espaços externos das creches e escolas. Diante disso temos que aproveitar os dias e horários mais favoráveis para ofertar às crianças vivências nesses espaços.

A Rotina

Porém, somente observar o local físico não basta, percebemos isso na fala dos professores abaixo:

G: Porque assim, eu posso levar, posso pensar em levar por uma hora, mas talvez o fator limitante seja a rotina.

Esse é um fato muito importante. Nem sempre ter espaços para o desemparedamento basta. Muitas vezes outros fatores como a rotina, currículo, concepções, valores... fazem com que os professores não consigam ofertar às crianças momentos nos espaços abertos das escolas. Uma rotina maçante, onde a todo momento existem obrigações e afazeres, que não permite a liberdade para brincar, que a todo momento o professor ou a escola é quem decide o que vai ser feito, diminui a potência, autonomia e criatividade

das crianças. A 'rotina' foi, segundo as falas dos professores, um limitador para o desemparedamento infantil.

A autora Léa Tiriba (2018, p. 196) faz a seguinte indagação em sua pesquisa: "Assim, focando a reflexão no cotidiano de creches e pré-escolas: que rotinas, que práticas pedagógicas potencializam, que práticas oprimem?" Ou seja, reconhecemos ações pedagógicas que oprimem as crianças, principalmente quando tiram sua liberdade, inibem movimentos, as impedem de pular, correr.

Coutinho (2022) defende que:

As instituições de Educação Infantil devem ser um lugar de liberdade, que respeita os interesses das crianças. Não se deve limitar ao espaço fechado, mas proporcionar momentos em ambientes externos com a interação de ambientes naturais que potencializam a aprendizagem e o desenvolvimento (Idem, p. 46).

Neste sentido, a rotina pode sim ser um impedimento ao desemparedamento. Porém, podemos pensar em rotinas e organizações pedagógicas mais leves e libertadoras, que possam potencializar o desemparedamento, que propiciem às crianças momentos em ambiente aberto, com pouca intervenção dos adultos e poucos brinquedos estruturados. Momentos onde a criatividade infantil esteja em foco, momentos em contato com a natureza.

O Planejamento coletivo

Para que uma mudança paradigmática do fazer docente voltada para o desemparedamento ocorra necessitamos de toda a equipe e não apenas de ações individualizadas: dos colegas de trabalho (pois algumas turmas trabalham com a presença de dois professores - bidocência), da direção da escola e até mesmo das famílias. O movimento do desemparedamento deve ser coletivo.

Trazendo mais uma vez com Tiriba:

A natureza é o local onde historicamente os seres humanos interagem e brincam. Tomando a escola como lugar fundamental na organização das sociedades urbanas, é urgente desemparedar. O convívio não pode ser uma opção de cada professora, mas um direito. (TIRIBA, 2018, p.198)

Direito da criança de interagir com seus pares, adultos e natureza de maneira saudável e livre. Isso em todas as turmas, sendo uma ação institucionalizada na escola. Inclusive, como parte da organização e planejamento escolar, o desemparedamento precisa estar, por exemplo, no Projeto Político Pedagógico de uma escola.

Em uma conversa sobre a responsabilidade pela manutenção e conservação dos espaços, outra vez nos deparamos com falas docentes que mostram a necessidade de envolvimento de outros setores:

M: Ali? Mas quem vai fazer? É uma coisa, a pergunta que não quer calar ... não é a escola que é a responsável. (Sobre a quadra)

C: É a Prefeitura.

G: É a Prefeitura, mas a associação.

L: É isso, a associação de moradores.

C: Caramba, aqui tá... precisa de uma limpeza geral. (sobre o jardim)

X: Já solicitei, hein.

Nestes diálogos observamos que um fator potencializador para o desemparedamento seria o envolvimento de outras entidades interligadas com a escola a fim de que os espaços externos sejam organizados, tenham manutenção ou mesmo para que eles existam (como é o caso de obras e construções de escolas).

J: Deixa-me falar uma coisa também. Quando você fala de desemparedar e você fala só nesses espaços, eu já acho que as ações do governo, até a Fundação Municipal de Educação, em vez de falar assim, vamos pegar um

ônibus pra ir em tal lugar, né? Isso é uma forma de desemparedar. Existe uma coisa que vocês poderiam também fazer, é... Convênio, convênio, por exemplo, o Sesc, né? Aí vamos fazer um convênio com o Sesc, pra quê? Pra usar a piscina, entendeu?

G: Então, mais imediato é propiciar um horário, sei lá, alguma coisa assim, com ônibus pra levar as escolas. Eu entendo que é difícil, porque são mais de 50, 90 escolas na rede, sei lá, e aí ônibus pra todo mundo eu acho que fica difícil. Mas seria o mais imediato e o mais rápido, né? Porque Niterói tem uma estrutura, tem um parque rural, tem um monte de lugar para as crianças acessarem, mas elas não conseguem acessar porque não tem transporte.

Sobre o planejamento coletivo, alguns professores relataram que este é um fator potencializador do desemparedamento e citam a importância da realização de visitas das crianças em outros espaços para além da escola, espaços da cidade. Para isso, eles pontuaram como necessário a aquisição de ônibus pela Secretaria de Educação e convênios com locais que possam oferecer vivências significativas para as crianças e propiciar o contato com a natureza e outros aparelhos culturais.



Capítulo 2: Por que precisamos desemparedar nossas crianças?

Cada vez mais observamos em nossa sociedade crianças expostas a telas por longos períodos de tempo; currículos escolares conteudistas que excluem as emoções, sensações, corpo e movimento das vivências infantis; e que ampliam, cada vez mais, o distanciamento das crianças dos grandes centros urbanos do contato com a natureza. Essas práticas levam a sérios problemas de saúde como estresse, obesidade, ansiedade, em crianças, jovens e até mesmo em adultos. Outro fator que observamos é que, não por acaso, enquanto essas crianças se distanciam da natureza acontece, ao mesmo tempo, uma crescente exploração dos elementos naturais pelos seres humanos e o agravamento das mudanças climáticas. Olhando esse contexto não é difícil responder a seguinte pergunta: Por que precisamos desemparedar nossas crianças?

2.1 Saúde e bem-estar

Um dos resultados importantes da pesquisa realizada junto à construção desse produto educacional foi a relação entre o desemparedamento das infâncias com o desenvolvimento da saúde e do bem-estar. Vamos conhecer as falas dos professores e da equipe diretiva da UMEI Regina Leite Garcia sobre esse tema:

E: Então, essa sensação de mal-estar e bem-estar, está relacionada à saúde. Quando você tem bem-estar, que é saúde? É bem-estar físico, mental e social, né? E esse bem-estar, quando não acontece, é que você fica doente, né? E você sabe que aquele espaço está fazendo mal.

U: Aí abriu e eu fui pra lá, aí eu sentei e comecei a me questionar: 'Meu Deus, estou com aquelas crianças dentro da sala, uma toda encatarrada, outra tossindo, tudo confinado ali dentro, o tempo inteiro a gente não vê o ar, não vê o sol, não faz uma atividade diferenciada para as crianças'.

T: Então assim, é como todo mundo já disse, nós somos adultos, a gente tem consciência de tá ali, porque tá, e tudo mais, mas e a criança? E a vitamina D que falta na criança e que também é super. importante? Porque é de segunda a sexta aqui, talvez tenha o momento de pegar o sol. Porque uma vez a gente

consegue levar ali, pegar aquele solzinho da manhã, mas não é sempre e nem toda turma. Às vezes, no parquinho, você vê as crianças procurando o sol, né? Que eu lembro quando estava de manhã, às vezes tinha um solzinho e você vê as crianças, é, preferindo brincar ali. E você não, não, não se atenta muito, né? ‘Olha, é essa caridadezinha que a gente quer!’

Vamos refletir um pouco sobre essas questões de nossa prática pedagógica juntamente com Tiriba (2018),

A escola é o único espaço social que é frequentado diariamente, e durante um número significativo de horas, por adultos e crianças. É, portanto, um espaço privilegiado para a instituição de práticas educativas que favoreçam a integridade de cada ser (TIRIBA, 2018, p. 184).

Sabemos que muitas escolas de educação infantil dos grandes centros urbanos são de tempo integral o que favorece e exige, ainda mais, a realização de práticas que valorizem os movimentos livres dos corpos, as interações com o meio e com os outros; que valorizem não só o cognitivo de cada ser mas também seu lado emocional, as sensações e desejos; ou seja, voltadas para o desenvolvimento de um ser integral. Nessa perspectiva é importante embasarmos nossas práticas a partir das orientações de Louv (2018):

A natureza costuma ser menosprezada em seu papel como bálsamo de cura para os problemas emocionais de uma criança. Você provavelmente nunca vai ter um comercial elegante sobre terapia na natureza, como os de antidepressivos farmacêuticos. No entanto, pais, educadores e profissionais de saúde precisam saber como a natureza pode ser um antídoto para o estresse físico e emocional. Especialmente hoje. (Idem, p. 71)

Nos espaços externos podemos perceber o quanto as crianças ficam muito tempo envolvidas em atividades como: fazer comidinha de areia, recolher pedrinhas, observar o céu, as formiguinhas, etc. Nesses momentos, também observamos uma mudança de postura nas crianças, tornando-se mais cooperativas, concentradas e criativas.

Afirmamos a importância de desemparedar porque entendemos que a vida ao ar livre possibilita uma aproximação absolutamente necessária à integridade, ao fortalecimento do *conatus*, na medida em que seu processo de desenvolvimento pleno está entrelaçado com outros modos de expressão da natureza: com outras crianças, com outros humanos e suas produções culturais, mas também com outras espécies, elementos bióticos e abióticos, que se entrelaçam compondo a vida, em estado de acoplamento estrutural com eles (MATURANA, 1998, *apud* Tiriba, 2018, p. 190).

Como a construção desse produto educacional baseia-se na fala dos professores sobre o tema do desemparedamento das infâncias, reconhecer que o ser humano necessita da interação com outros seres e elementos da natureza para se tornar um ser integral é uma busca desses professores. É visível a importância de compreendermos que, visando a formação integral de nossos alunos, não podemos observar apenas seu cognitivo, mas também seu lado afetivo, motor, emocional. E para que a criança possa se desenvolver plenamente, com saúde mental e corporal, é necessária a interação com o meio natural, com as outras pessoas e culturas diversas, com os elementos da natureza. Essa interação deve ser saudável e respeitosa para ser enriquecedora.

Vejamos agora mais algumas falas das professoras para seguirmos nossa formação docente sobre o tema:

S: E aí com um montão de criança e grandões, que eles eram muito grandes e agitados, parecia que a gente ia enlouquecer dentro daquela sala, porque aí virava um campo minado. Era briga o tempo inteiro. Aí, um dia, né, a gente veio aqui pra fora e a gente percebeu que naquele momento ali foi muito melhor do que na sala, na parte da tarde.

T: Na verdade, eles pareciam outras crianças.

S: Outras crianças, sem briga e brincando livremente e com outras coisas também aqui fora. Aí, como eu ficava o dia todo, não estava tendo perda pedagógica, vamos dizer assim, de conteúdo, porque a gente fazia isso de manhã.

T: Mas à tarde eles já não se permitiam mais. Eles já não tinham concentração. Se você fizesse qualquer atividade dirigida.

Os professores apontam que o bem-estar está atrelado à saúde, aos espaços e às interações saudáveis. O confinamento por horas em espaços fechados pode gerar uma série de complicações, principalmente em crianças que frequentam creche e pré-escola de horário integral. Estresse, contaminação de vírus, falta de vitamina D, falta de concentração, são alguns exemplos. Lembramos que na época da pandemia do COVID-19 uma das diretrizes

propostas pela Fundação Municipal de Niterói foi a utilização dos espaços abertos, pois dificultava a contaminação do vírus.

Essas considerações docentes nos fazem pensar em Louv (2018) quando nos aponta a importância do brincar livre na natureza para o processo de bem-estar das crianças. O autor vai ao encontro das falas das professoras, uma vez que reconhece a importância da natureza para a saúde, principalmente das crianças - especialmente no que diz respeito às questões de estresse, agressividade e agitação.

Sendo assim, essas falas docentes nos mostram a mudança de comportamento de uma turma em relação ao espaço que estão. As professoras relatam que depois de uma manhã onde eles já frequentaram a sala e o parquinho interno as crianças demonstram irritabilidade e agressividade pois já estavam cansados de ficar confinados em espaços fechados. Na parte da tarde as professoras decidiram então frequentar os espaços abertos com eles e elas observaram uma mudança de comportamento, as crianças pareciam estar mais tranquilas e felizes e aceitavam melhor as propostas. Podemos aprender com essas práticas docentes e refletir com pesquisadores da área:

Pesquisadores suecos compararam crianças em dois ambientes de creche: em um, uma área tranquila para brincar era cercada por prédios altos, com vegetação baixa e uma trilha de tijolos; no outro, a área para brincar, baseada no tema “ao ar livre em todos os climas”, ficava um pomar cercado por pasto e floresta, ao lado de um jardim rústico, com árvores altas e rochas. O estudo revela que as crianças na creche “verde”, que brincam ao ar livre todo dia, independente do clima, tinham mais coordenação motora e mais concentração. (LOUV, 2018, p. 125)

Louv, 2018, cita uma pesquisa que mostra o quanto o contato com a natureza em espaços abertos contribui para saúde física e mental das crianças. Sabemos que essas condições da creche “verde”, citada por Louv, dificilmente poderiam ser encontradas nos grandes centros urbanos brasileiros, mas nos possibilita compreender como em um contexto onde a visão da natureza não é utilitarista, mas sim uma visão de nosso pertencimento à ela, a de que somos natureza - pode nos fazer tão bem, desenvolvendo ainda mais nossas potencialidades físicas e mentais. No momento em que oferecemos vivências de natureza para as crianças devemos observar que deve haver uma via de mão

dupla onde a natureza nos faz bem e nós devemos fazer bem para a natureza respeitando, cuidando e preservando.

Enquanto docentes, essas reflexões nos ajudam a compreender o quanto o próprio contato com a natureza nos faz bem. Ao frequentarmos os ambientes externos e deixarmos as crianças brincarem livremente, também estaremos respeitando os desejos dos seus corpos e seus movimentos. Neste momento podemos observar ações, como a criatividade natural da criança, florescerem livremente o que lhe traz felicidade e bem-estar e tende a afastá-la de comportamentos negativos e nocivos.

Louv (2018, p.58) nos traz um conceito inédito sobre o assunto “O transtorno do déficit de natureza descreve os custos da alienação em relação à natureza, incluindo a diminuição no uso dos sentidos, a dificuldade de atenção e índices mais altos de doenças físicas e emocionais”. Com o conceito de “transtorno do déficit de natureza” o autor busca relacionar a falta de contato com a natureza a vários problemas de saúde física, mental e social. São doenças que seriam minimizadas através da exposição das crianças em ambientes naturais e livres, como vimos nas falas e diálogos das professoras acima. Neste contexto, a busca por uma vida saudável, através da conexão criança e natureza, seria uma importante consequência do desemparedamento.

2.2 Educação ambiental crítica

Entendemos que uma educação ambiental capaz de criticar e transformar a nossa atual relação com a natureza vem ao encontro de uma educação ambiental que perpassa pela saúde física, mental e emocional dos seres humanos, que amplia essa visão a todas as espécies viventes e busca uma relação saudável entre sociedade e os elementos da natureza; uma educação ambiental capaz de nos aproximar e nos reconectar com a natureza.

...chegamos ao conceito de biofilia, que permite relacionar desequilíbrio ambiental com as condições de distanciamento impostas por um estilo de vida em que os seres humanos não convivem com elementos do mundo natural...Somos seres biofílicos porque nos identificamos, temos uma tendência a afiliar-se ao que é vivo, entretanto as dinâmicas da vida

urbana promovem um estilo de vida no qual são raros os momentos de reverência e contemplação. Esse fato, articulado à concepção da natureza como simples matéria-prima morta, contribui para a constituição de um contexto social de distanciamento, em que o senso de pertencimento ao mundo natural se enfraquece. Pois esse senso, oriundo de uma atração inata, é cultural: ele se afirma ou enfraquece de acordo com as possibilidades de convívio com o meio. (TIRIBA, 2018, p.193)

O conceito de biofilia nos ajuda a entender a relação preocupante entre o distanciamento humano da natureza com os desequilíbrios ambientais. Nascemos natureza, orgânicos, animais. Necessitamos do sol para termos vitamina D, dos alimentos naturais e de outras substâncias da natureza; necessitamos do contato com plantas e animais, com pessoas de diferentes culturas e com tantos outros elementos naturais. Porém, a enorme ruptura que acontece, desde quando nascemos e até quando somos inseridos no espaço escolar, tende a nos distanciar da natureza e vê-la apenas como algo perigoso e sujo, e assim nosso sentimento de pertencimento e harmonia com a natureza diminui.

O amor à natureza, como qualquer outro hábito, cresce e se aperfeiçoa com o exercício: não é, com certeza, infundido automaticamente, mediante uma exortação pedante feita à criança inerte e presa entre quatro paredes, habituada a ver ou ouvir que a crueldade para com os animais é uma necessidade. São as experiências que as impressionam mais: a morte da primeira pomba abatida ante seus olhos por uma pessoa de sua família é mancha negra no coração de quase todas as crianças. Devemos-lhes antes uma reparação que uma lição. Cumpre-nos curar essas feridas inconscientes, essas enfermidades morais já incubadas no íntimo desses pequenos prisioneiros de um ambiente artificial. (MONTESSORI, 1965, p.69)

Nossa relação com a natureza pode ser positiva ou negativa, dependendo do valor e da aproximação que temos com ela. Em uma escola ou família que não incentiva o contato com a natureza, a criança, desde pequena, tende a estranhar a areia, a chuva, o vento, os animais, etc. Porém, as famílias e professores fortalecem o amor à natureza e a biofilia desta criança ao fomentar uma relação positiva com a mesma, o cuidado com animais e plantas, brincadeiras em espaços verdes, etc.

Vejamos algumas falas e reflexões sobre educação ambiental que os professores e equipe diretiva da UMEI trouxeram nas rodas de conversa:

E: A educação ambiental, como é diária, você trabalha no seu dia a dia, você já tem essa consciência, que você tá trabalhando pra essa visão ambiental, você já trabalha, e toda sua fala já tá direcionada pra isso.

P: Essa preocupação com os animais e os bichinhos do jardim de não chegar e sair pisando, matando tudo, porque achando que aquilo ali é uma ameaça. Então acho que é nesse dia a dia, nesse trabalho assim, a gente não vai parar um dia para ensinar isso aqui, aquilo outro, um conteúdo programado e tudo mais. É um bicho surgindo, é você cavar, encontrar uma minhoca, é uma borboleta que voa, é um beija-flor que aparece. Eu acho que tem muitas coisas que podem ser desenvolvidas na questão do meio ambiente, mas eu acho que não poderia, eu não traria aqui pra você uma lista de conteúdo, mais que o fato da gente se deslocar pro Quintal das Borboletas (nome do jardim da UMEI), eu acho que isso aí já é um compromisso e perceber que aquele espaço, ele tem um valor, eu acho que independente de uma caixa de conteúdo.

P: É claro que se torna muito mais significativo um trabalho em lugares abertos e em contato direto com a natureza, ...

Nessas falas acima podemos perceber a relação dos professores com os assuntos ligados à Educação Ambiental. Percebemos que eles reconhecem a Educação Ambiental, não como uma lista de conteúdo, mas sim como algo a ser discutido e trabalhado no dia a dia, nas relações.

Assim sendo, a EI deve introduzir a temática ambiental de forma interdisciplinar, para que as crianças sejam estimuladas a construir conhecimentos acerca dos temas socioambientais com intuito de se superar o senso comum, a desenvolver capacidades de se sensibilizar, compreender e repensar a problemática socioambiental e finalmente desenvolver valores socioambientais, como alicerce para as ações dos sujeitos no seu cotidiano e na vida em sociedade. (SAHEB, 2016, p. 145)

A Educação Ambiental deve ser interdisciplinar, ou seja, aparecer em qualquer assunto que lhe seja pertinente. O professor não precisa esperar uma aula, muito menos uma data comemorativa (como o dia da árvore, ou dia da água, por exemplo) para tratar do assunto. É através da sensibilização e diálogo diário que a criança deve aprender a respeitar o próximo, o meio ambiente e os elementos naturais. São mudanças de valores e comportamentos que devem

ser construídas no dia a dia, incentivando a diminuição do consumo e de desperdícios, a reutilização de objetos...

U: A gente, assim, tipo assim, um cuidando do outro, a gente cuidando da natureza e a natureza cuidando da gente. Falar sobre isso com eles, né, da importância de não desmatar, o porquê que tá muito calor, por que que tá muito frio, por que que a gente tá ficando tão gripado desse jeito, que também a doença tá influenciando na vida da gente. E pra isso é preciso dar uma conscientização, desde pequenininho, não arrancar a plantinha, saber cuidar melhor. É sobre isso, sobre cuidar do meio ambiente. Que a gente cuida dele e ele cuida da gente.

E: Vai matar o bichinho? Viu uma barata já que é o quê? Não, a barata tem sua função. A função dela não é dentro dessa sala. Mas a função dela é lá no esgoto. Lá no esgoto ela tem essa função. Aqui dentro ela não tem. Mas eu não preciso matar a barata aqui dentro. Eu posso chutar a barata pro esgoto, pro ambiente dela. Eu fico no meu, beleza? É isso que eu gosto de ver.

Este respeito a todos os seres e elementos da natureza, as conversas sobre desastres ambientais, mudanças climáticas intensas procurando explicá-las com falas simples para as crianças, a oferta de vivências em espaços em que a criança tenha contato com a natureza, o desenvolvimento de um pensamento crítico junto aos professores que relacionem o desemparedamento e as condições socioambientais da vida atual.... Tudo isso contribui para uma Educação Ambiental Crítica.

Se queremos uma educação que afirma que nós fazemos parte da natureza, que nós somos natureza e que precisamos de um ambiente saudável para viver, precisamos imediatamente incentivar, propiciar e reconhecer a importância da conexão da criança com os ambientes naturais. Precisamos dar espaço a essa atração inata que a criança tem com a natureza.

[...] acredita-se que por meio da construção de conhecimentos ambientais, para uma perspectiva da cidadania, as instituições de EI e seus profissionais estarão cumprindo seu papel diante da sociedade, criando propostas pedagógicas que compreendam o desenvolvimento social e sustentável, voltados para a temática ambiental. (SAHEB, 2016, p. 146)

A preocupação com a saúde e o bem-estar não se resume apenas aos seres humanos, mas também necessitamos de um meio ambiente saudável. A Educação Ambiental Crítica seria um dos fatores que deveriam potencializar ações para uma mudança paradigmática para práticas desemparedadoras. Como Paulo Freire (1996, p. 98) nos lembra “Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo.” Diante da sociedade que temos hoje, que vê a natureza com uma visão utilitarista onde a exploração dos seus elementos naturais só aumenta, precisamos desenvolver cada vez mais nas crianças, desde bem pequenas, valores e comportamentos que visem a conservação e valorização da natureza e não o consumismo e desperdício acelerado de uma sociedade onde só se valoriza os lucros e o consumismo desenfreado, para isso precisamos de uma Educação Infantil Ambiental.



Capítulo 3: Novos espaços do fazer docente

Diante de toda a discussão ao redor do tema ‘desemparedamento’, entendemos que o fazer pedagógico não deva se restringir apenas às salas de aula. Porém, durante muitos anos, e até mesmo nos dias atuais, a formação do professor é voltada para atender crianças em espaços fechados e controlados. Superar essa visão tem sido um grande desafio.

3.1 Formação Continuada

As rodas de conversas propiciaram muitas reflexões sobre a prática pedagógica por parte dos profissionais da UMEI Regina Leite Garcia. Podemos endossar essa necessidade da reflexão docente com Paulo Freire (1996, p. 39), quando comenta: “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Nas rodas de conversa, os professores puderam expressar opiniões sobre como o tema ‘desemparedamento das infâncias’ se apresenta em seu cotidiano.

Professora T: Aí a gente entra na questão da formação. Na nossa formação a gente foi formado para quê? Para estar aonde? Para estar fazendo o quê? Óbvio que agora a gente tem esses debates maravilhosos que falam diferente, né? Que fala pra gente ir para outros ambientes. E o que o P falou da questão da prática, de você querer também, né? Não adianta você fechar a sua porta e entrar e ficar reclamando.

Entendemos como formação docente a formação inicial do professor nos cursos iniciais e universidades sendo complementada com a sua prática cotidiana e suas formações posteriores. Nessa fala acima as professoras reconhecem sua formação como sendo emparedadora para atuar nas salas de aula. Em muitos cursos de Formação de Professores era até comum as aulas de didática ensinarem às alunas como se comportarem na sala de aula, como apagar o quadro, técnicas de controle de turma. Era uma época em que o foco da formação docente estava na ampliação do ensino fundamental. Com o

crescente número de creches e pré-escolas no Brasil e o aumento das discussões sobre Educação Ambiental observamos novos paradigmas educacionais, novos valores e conhecimentos pedagógicos sendo colocado em evidência.

Se as funções das professoras se restringem fundamentalmente às salas, fica excluído de seu universo de atuação o conjunto de percepções e aprendizagens que as crianças realizam nos espaços externos. Ficam secundarizadas as aprendizagens relacionadas ao contato com a natureza, que vão além do cognitivo, que abrangem sensações, sentimentos, valores, enfim, outras dimensões do humano. (TIRIBA, 2018, p. 106)

Para que não sejam secundarizadas as aprendizagens relacionadas com a natureza, sensações e sentimentos, dimensões tão importantes para o trabalho com crianças de 0 a 5 anos (e até mesmo com as crianças mais velhas) é necessária a mudança de valores e práticas nos cursos de formação inicial e de formação continuada, incluindo conteúdos e reflexões que mostrem a importância das crianças estarem em contato com a natureza, ao ar livre, tendo tempo e espaço para liberdade e desenvolvimento da criatividade infantil. Para que a formação docente seja um fator potencializador é necessário que exista uma mudança de valores e práticas nos cursos de magistério que deem espaço para a valorização dos sentimentos e sensações das crianças e que se preocupem com a conexão da criança com a natureza visando seu bem-estar e a construção de um ser humano integral.

O que precisamos sempre ter em mente é que somos nós, adultos, que apresentamos o mundo para as crianças. Diferente dos outros animais, o ser humano nasce extremamente vulnerável e dependente do adulto. O que elas vão conhecer, os lugares que vão visitar, as experiências que vão ter, tudo isso passa por nós, as oportunidades que ela terá para interagir nesse mundo que ela está a desbravar. Ser adulto diante de uma criança pequena é ter uma grande responsabilidade quanto a essa versão de mundo que ela está formando. As práticas pedagógicas devem ser pensadas de modo que as crianças tenham contato com toda beleza que encontramos a nossa volta, essas experiências permitem a construção do desenvolvimento integral da criança (COUTINHO, 2022, p. 36).

Esta citação nos aponta a responsabilidade que os adultos têm em relação a apresentar o mundo às crianças. Que possamos apresentar um mundo onde valorizamos a conexão criança e natureza, seus sentimentos, emoções; onde possamos diminuir o desperdício e o consumismo e fomentar discussões socioambientais.

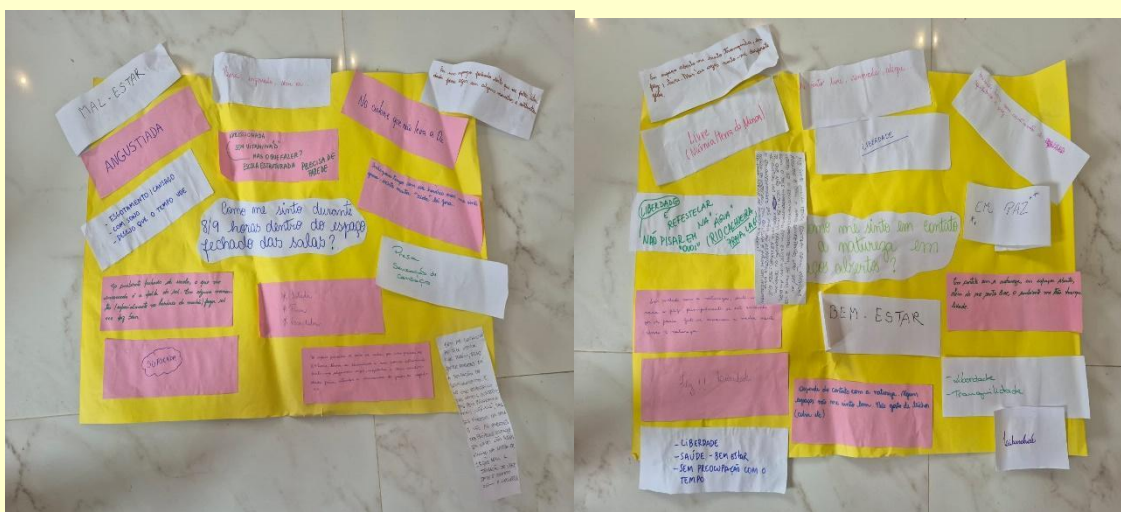
3.2 Sugestões para a construção de um minicurso/rodas de conversa

Propiciar aos professores momentos para o planejamento e a reflexão é um ato importante do fazer pedagógico. Como a temática do emparedamento infantil é nova no campo acadêmico e pedagógico torna-se necessária a promoção de cursos de formação continuada e a ampliação dos currículos de cursos iniciais, de forma a abordarem esse tema esse assunto. Nesse sentido, apresentamos os planejamentos dos três encontros utilizados nas rodas de conversas realizadas na UMEI Regina Leite Garcia. Estes planejamentos podem servir como base para a organização de outros cursos e encontros pedagógicos com professores de diversas unidades escolares.

Primeiro encontro	
Tema	O que é desemparedamento das infâncias? Qual sua importância?
Público-alvo	Professores de educação infantil, professores de apoio e equipe diretiva
Duração	1 hora de atividades assíncronas 1 hora de atividades síncronas
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> ● Apresentar o tema desemparedamento das infâncias; ● Fomentar o diálogo sobre a temática com os professores e equipe diretiva;
Material Utilizado	<ul style="list-style-type: none"> ● Slide com algumas informações sobre a temática ● Vídeos do youtube; ● Capítulos do livro ‘Educação Infantil como direito e alegria’, Lea Tiriba, 2018.

Atividades assíncronas	<p>Leituras:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Introdução do livro; ● Capítulo 7 – “Reconectar-se com a natureza, desemparedar”; ● Capítulo 9 – “Redesenhar os caminhos de conhecer”. <p>Assistir aos vídeos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Canal Alana / Inspirações: <ul style="list-style-type: none"> ○ Desemparedar as crianças na escola: https://youtu.be/CB1qg43k05A?si=ungsnXzio7M2fhbh ○ A natureza e as culturas tradicionais: https://youtu.be/1j0u96dySBI?si=re3an9UZD-X0dD5W ○ Transtorno do déficit de natureza: o que é isso?: https://youtu.be/UBa06WUZ7a4?si=DxeQcjLxDuPw0sLE
Atividades síncronas	<p>Em uma roda de conversa, dialogar, debater e refletir sobre a temática relacionando os textos e vídeos com as práticas docentes. Propor uma dinâmica onde os professores reflitam/respondam a duas questões geradoras:</p> <p>1ª- Como me sinto durante 8/9 horas dentro do espaço fechado das salas?</p> <p>2ª- Como me sinto em contato com a natureza em espaços abertos?</p>

	<p>As respostas a essas perguntas podem ser registradas em pedaços de papel e colados em uma cartolina formando uma nuvem de respostas que pode ser lida, posteriormente, e comentada pelos participantes.</p>
<p>Avaliação</p>	<p>Acompanhamento e registro das falas dos professores, nas rodas de conversa</p>



Fonte: Os autores, 2025

Segundo encontro

Tema	Nossos espaços
Público-alvo	Professores de educação infantil, professores de apoio e equipe diretiva
Duração	1 hora de atividades assíncronas 1 hora de atividades síncronas
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Observar os espaços considerados pela equipe como sendo de desemparedamento na UMEI (no nosso caso: quadra, jardim e hall de entrada); • Construir os Planos de ação (Apêndice A, ao final do e-book).
Materiais utilizados	<ul style="list-style-type: none"> • Vídeos do youtube; • Capítulos do livro ‘Educação Infantil como direito e alegria’, Lea Tiriba, 2018. • Planos de ação (Apêndice-A);
Atividades assíncronas	<p>Leituras:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Capítulo 2 – “A natureza como lugar de sujeira, da doença, do perigo, do incontrolável, da liberdade”; • Capítulo 6 – “Se quisermos um cotidiano melhor, será preciso inventá-lo”. <p>Assistir aos vídeos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Canal Alana: Pílulas/ Tempo do Brincar:

	<p>https://youtu.be/NqK147AfJnA?si=OIOWqcZqMW7MyWxm</p> <ul style="list-style-type: none"> o Canal Projeto Preserva: Uma floresta para desemparedar a infância: <p>https://youtu.be/15CRCWOApFA?si=rSRS7W671axlwFW4</p>
Atividades síncronas	<p>Convidar professores e equipe diretiva a preencherem dois planos de ação, a partir da observação e exploração dos espaços externos existentes na unidade escolar. O primeiro plano consiste em observar aspectos que devem ser melhorados nos espaços considerados importantes para a realização de atividades de desemparedamento, visando a segurança e melhores condições de exploração pelas crianças. No segundo plano de ação, os profissionais elaboram e planejam atividades que já podem ser realizadas nesses espaços.</p>
Avaliação	<p>Acompanhamento e registro das falas dos professores e do plano de ação.</p>



Terceiro encontro	
Tema	O desemparelhamento na prática.
Público-alvo	Professores de educação infantil, professores de apoio e equipe diretiva
Duração	1 hora de atividades síncronas
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Trocar experiências dos professores sobre atividades realizadas nos espaços externos do prédio da UMEI.
Atividades síncronas	<p>Os professores e equipe diretiva são convidados a realizarem a roda de conversa fora das salas. No nosso caso, ficamos em roda no hall de entrada. Estimular os participantes a falarem sobre as práticas pedagógicas já realizadas nestes espaços. Sugestões de algumas perguntas geradoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quais atividades vocês já realizaram com as crianças na quadra? E no jardim? E no hall de entrada? • Quais atividades podem ser relacionadas com a Educação Ambiental? • Quais atividades vocês têm vontade de fazer nesses espaços?
Avaliação	Acompanhamento e registro das falas dos professores na roda de conversa

Carga horária total do minicurso: 5 horas.



Fonte: Os autores, 2025

A iniciativa da última roda de conversa ser realizada no espaço externo da UMEI (hall da entrada) foi bem avaliada pelos professores, eles gostaram bastante de sair das paredes e dialogar sobre vivências com as crianças nos espaços externos:

Professora J: Eu acho legal essa coisa assim... Foi fantástico você ter trazido a gente pra cá, ...

Professora S: Foi bom e parabéns! (sobre a roda de conversa realizada com os professores no espaço externo)

3.3 Desemparedamento em ação

Desenvolvemos o quadro abaixo a partir das falas dos professores da UMEI com o intuito de auxiliar professores e gestores escolares a repensarem seus espaços e planejarem atividades desemparedadoras com as crianças. Leia e reflita sobre as possibilidades de mudanças na sua unidade escolar:

NENHUM OU POUCO ESPAÇO EXTERNO	ESPAÇO EXTERNO ADEQUADO
Compra de terrenos vizinhos pelos órgãos responsáveis financeiramente pela escola	Formação continuada com os professores sobre a temática
Utilização de espaços externos ao redor da escola (praças, praias, ...)	Aquisição de ônibus para a realização de passeios
Obras e reformas para mudança ou ampliação dos espaços	Incentivo da equipe diretiva e secretarias
Ocupação dos espaços de corredores, janelas, solários, ... para desenvolver espaços verdes (hortas suspensas, em vasos, ...)	Realizar convênios com empresas, universidades, que possam ampliar o contato das crianças com áreas verdes e outros aparelhos culturais das cidades
Ressignificar os espaços externos da escola (por exemplo, um hall de entrada que é aberto pode ser utilizado pelas crianças em momentos em que não haja fluxo de pessoas)	Reunião com as famílias conscientizando sobre a temática
Formação continuada com os professores sobre a temática	Conversas com as crianças sobre a utilização responsável dos espaços externos
Aquisição de ônibus para realização de passeios	Limpeza e conservação dos espaços externos existentes
Incentivo da equipe diretiva e secretarias	

Realização de convênios com empresas, universidades, ... que possam ampliar o contato das crianças com áreas verdes e outros aparelhos culturais das cidades	
Reunião com as famílias conscientizando sobre a temática	
Conversas com as crianças sobre a utilização responsável dos espaços externos	
Limpeza e conservação dos espaços externos existentes	

Agora é a sua vez...

Professor ou gestor, quais ações você pode fazer para contribuir para práticas desemparedadoras na sua escola? Reflita e registre ações possíveis que podem ser feitas na sua unidade, apesar das dificuldades.



Capítulo 4:

Sugestões de algumas
atividades para ambientes
externos a partir das
práticas pedagógicas
realizadas pelos
professores da UMEI
Regina Leite Garcia

Neste capítulo veremos algumas práticas realizadas nos espaços externos da UMEI Regina Leite Garcia trazidas pelos professores nas rodas de conversas do minicurso. São práticas que podem ser usadas como sugestões e/ou inspirações para criação de outras práticas, sempre se respeitando as características físicas sociais e ambientais de cada unidade escolar.

Práticas de observação e contemplação dos elementos da natureza
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Explorar os espaços externos da unidade de educação infantil; ● Conectar as crianças com a natureza;
Público-alvo: 2 a 5 anos
Local: quintal, jardim ou outro espaço aberto
<p>Sugestão de algumas propostas que podem ser realizadas:</p> <p>Materiais: cangas, esteiras, redes</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Deitar no chão e observar o céu e as nuvens; ● Descansar em redes, esteiras, tapetes, ...
<p>Sugestão de algumas propostas que podem ser realizadas:</p> <p>Materiais: aparatos como lupas, lanternas, binóculos, ... ou a olho nu.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Levar as crianças aos espaços externos para observarem determinado elemento da natureza em estudo; ● Contemplação da natureza, exploração e observação do espaço de maneira livre; ● Convidar as crianças a caminharem sem os sapatos por um determinado espaço;

- Ouvir os sons da natureza, sentir os cheiros;

Materiais: enxadas (para uso dos professores) e pequenas pás (para as crianças).

- Capinar e cavar buracos para observar os animais que vivem no Subsolo e observação do próprio solo;

Avaliação: Observação e registros das interações das crianças com o outro e o meio ambiente

No chão da UMEI:

P: E a gente tem ido muito lá olhar as bananeiras. E teve um dia que a gente foi lá só olhar as formigas.

S: Meu aluno, que não fala, quando ele vai ali no Jardim, a primeira coisa que ele faz é correr e subir. Ele sobe lá na parte de cima, e aí ele fica caminhando ali, e ele quer ficar descalço. (relato da professora sobre seu aluno autista)

E: Observa com a lupa, tem lupa, tem lanterna, eles gostam também. Joga a lanterna, eles acham o máximo. Uau! E bota a lupa e eles vão ver grande. Nossa, tá grande. Eles adoram ver grande. Binóculo pra você observar o céu. Passarinho, avião, eles gostam. E tem outras coisas.

E: Esse espaço aqui do jardim tão pequenininho, mas ele é muito produtivo, quando você sai, quando a J falou, eu vou ali no jardim, nem que eu tenha que capinar, gente, você vai ver quantas coisas nesse capinar que você vai achar ali, você vai achar minhoca, você vai achar flora, fauna e tudo, recursos naturais, você vai achar de tudo ali, ...

C: Quando eu venho aqui fora com eles, eu mostro aquela bananeira, eu mostrei a penca de banana lá e eu mostrei o pé de mamão ali.



Fonte: Acervo pessoal da Professora da UMEI Tatiane Graciliano, 2024

Atividades de plantio, colheita e conservação do espaço

Objetivos:

- Desenvolver noções de cuidados com a terra para plantio e colheita;
- Incentivar o cuidado e conservação dos espaços naturais;

Público-alvo: 2 a 5 anos

Local: quintal, jardim, horta ou outro espaço aberto

Propostas que podem ser realizadas:

Materiais: sementes, mudas, enxadas, pás

- Preparo da terra com as mãos, enxadas (professores) e pás;
- Plantio de diversos tipos de plantas;
- Regar as sementes, mudas e plantas;
- Enfeitar os espaços com pedrinhas, cascalhos, ...
- Colher frutos, hortaliças, sementes, ...

Propostas que podem ser realizadas:

Materiais: luvas, vassouras, pás

- Varrer ou catar com as mãos lixos que podem aparecer nesses espaços;
- Retornar ao solo tudo o que pode servir de adubo natural, como por exemplo, folhas de vegetais caídas no chão;
- Fazer o descarte correto do lixo que não é orgânico, como por exemplo, plásticos e embalagens.

Avaliação: Observação e registros das interações das crianças com o outro e o meio ambiente.

No chão da UMEI:

E: A limpeza, a gente vai atrás da vassourinha, a gente conversa sobre o lixo, tem uma lixeira, vamos varrer, vamos limpar. Sempre conversa sobre o cuidado também das plantas. Molhar, tem regadorzinho? Vamos molhar as plantas. Plantar. O ano passado até a comunidade ajudou.



Fonte: Acervo pessoal da professora da UMEI Tatiane Graciliano, 2025

Arte e Natureza
<p>Objetivos: Desenvolver a criatividade; Conectar criança e natureza através de diversas expressões artísticas;</p>
<p>Público-alvo: 2 a 5 anos</p>
<p>Local: quintal Jardim, horta, ou outro espaço aberto</p>
<p>Sugestões de propostas que podem ser realizadas:</p> <p>Materiais: Tintas de diversas cores, pincel, papel 40 kg, música, histórias infantis</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Ler histórias ao ar livre; ● Cantar e dançar ao ar livre; ● Carimbo com guache, em papel 40Kg, das folhas encontradas no chão; ● Desenhos com tinta e pincel dos elementos da natureza; ● Montar paisagem com folhas e flores do chão;

Avaliação: Observação e registros das interações das crianças com o outro e o meio ambiente.

No chão da UMEI

T: Aí lia história, perguntava sobre a história e tudo mais. E uma coisa que me chamou muito a atenção foi um dia que eu estava lendo história com eles e conversando Mikaele falou, o céu tá azul. Eu não sei como o céu estava quando ela entrou, mas quando ela chegou aqui estava azul. E da sala, mesmo naquela sala que a gente consegue ver o ponto da rua, a gente não vê o céu.

S: Aí eles dançavam, cantavam, criavam coisas, né?

S: Porque a gente trabalhou plantas. A gente veio aqui no jardim, recolhemos folhas, vários tipos de folhas que a gente encontrou. Aí levamos para a sala e fizemos carimbo com as folhas. Aí eles pintaram com tinta guache em cima das folhas. Depois a gente carimbava na folha branca.

O: Então, a gente fez agora um mural, né, do que a gente encontra no jardim.

S: E a gente trouxe as crianças semana passada para o jardim. Aí pedimos para que eles observassem uma folhinha ou uma plantinha que eles mais gostassem para depois reproduzir no desenho. Trouxemos um pincel, colamos na parede. E fizeram a reprodução.

E: Coisas que eles gostam: Vem para o jardim, contar a história. Bota um paninho. Vamos sentar todo mundo, conta a história. Eles gostam de ouvir história no jardim, no espaço aberto. Também dá certo. Outra prática, pegam uma folha de 40 quilos ou uma colorida, e conversar com eles sobre as flores, que eles gostam muito de trazer flores pra gente, né? E eu falei, meu Deus, dá pra tirar todas as flores? Cadê a beleza da natureza?

Não, tira não! Pega do chão!

Pega do chão, vamos pegar do chão! Tem flores no chão? O que que tem no chão?

Aí a gente vai montar, assim, uma paisagem, montar alguma coisa.



Fonte: Acervo da professora Tatiane Graciliano, 2022

Brincadeiras com os elementos da natureza
<p>Objetivo: Conectar crianças e natureza através do lúdico; Desenvolver a criatividade; Desenvolver noções matemáticas e científicas com os elementos da natureza;</p>
<p>Público-alvo: 2 a 5 anos</p>
<p>Local: quintal, jardim, horta, ou outro espaço aberto</p>
<p>Propostas que podem ser realizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Desenho no chão com graveto; ● Brincar com areia; ● Comparação maior/menor com elementos da natureza (folhas, pedras, ...) ● Contagens com os elementos da natureza, pedrinhas, folhinhas, ... ● Fazer sombra com os elementos da natureza; ● Colocar folhas contra o sol para observar sua estrutura; ● Fazer comidinha com terra, areia e outros elementos encontrados pelo espaço;
<p>Avaliação: Observação e registros das interações das crianças com o outro e o meio ambiente</p>

No chão da UMEI:

S: Brincavam de panelinha, de desenho no chão. Cada grupo já ia pegando uma coisa pra fazer.

E: Gente, eles amam fazer comida. Os bebês gostam de fazer comidinha. Gosto de brincar na areia, se tiver falta uma caixa de areia, só falta uma caixa de areia, a gente tem que pensar nisso, como fazer uma caixa de areia pra ele, e vai, você deixa que vai

S: O ano passado também, com a turma, a gente pediu que eles viessem aqui e buscassem também folhas. Aí eles trabalharam a grandeza, né? A maior, a menor.



Fonte: Os autores, 2025

Corpo e movimento

Objetivo: Desenvolver a coordenação motora ampla, o equilíbrio e a lateralidade;

Público-alvo: 2 a 5 anos

Local: quadra ou espaço aberto

Propostas que podem ser realizadas:

Materiais: bambolês, cones, bexiga, corda, bola, TNT ou tecidos diversos

- Correr livremente;
- Brincar de pique-pega;
- Brincar de jogar bexiga;
- Jogar futebol ou outro esporte;
- Brincar com circuitos diversos;
- Brincar de girar o bambolê em diversas partes do corpo;
- Brincar livremente com tecidos diversos;

Avaliação: Observação e registros das interações das crianças com o outro e o meio ambiente.

No chão da UMEI

I: Mas eles também têm um momento que eles ficam correndo. É uma coisa que eles gostam muito. Primeiro eles ficam um momento livre, correndo para um lado e para o outro. E depois, naturalmente, o P é o que dirige os momentos de atividade de psicomotricidade. Ou é com o bambolê, às vezes faz atividade com o bambolê no chão, para eles pularem, fazendo circuitos. Ou então, às vezes, se faz com cones, colocando os cones no final da quadra para eles colocarem cones da mesma cor. Então, eles ficam correndo, pegando os cones para poder colocar nos lugares. Então, se torna uma atividade para eles divertidas, né? E depois também, às vezes, eles ficam livres para poder brincar com tecido TNT. Aí brincam de fantasma.



Fonte: Acervo da Professora Roberta, 2025

Agora é a sua vez...

Professor ou gestor, vamos dar voz às crianças? Em um dia agradável, pergunte a elas se preferem brincar dentro da sala ou lá fora. O que elas responderam?

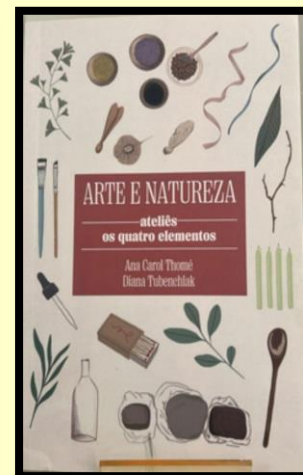
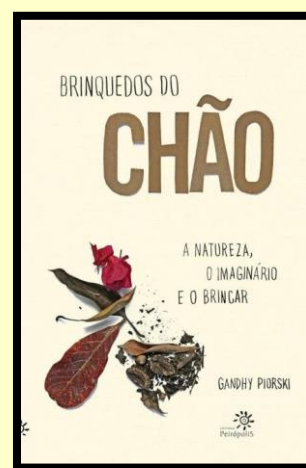
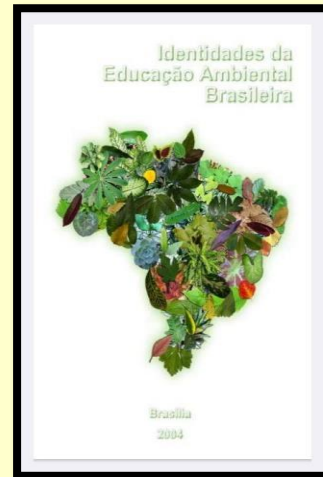
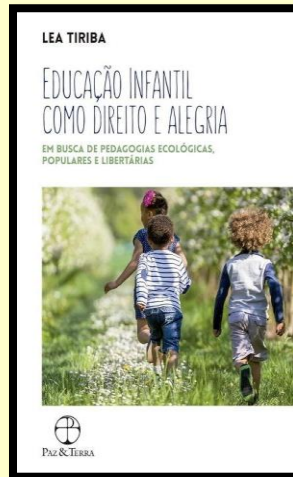
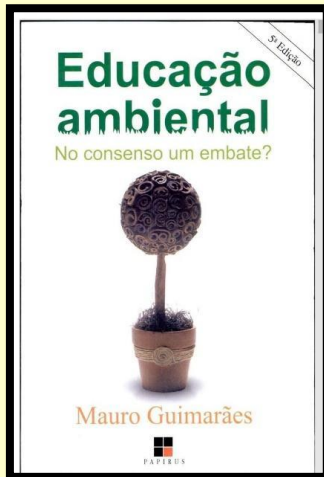
Pergunte a elas de que elas querem brincar neste espaço externo:

Quais atividades você gostaria de realizar com as crianças nos espaços abertos, em contato com a natureza?



Capítulo 5: Sugestões de materiais complementares

Livros:



Canal do Youtube:

- Canal Alana

Conta do Instagram:

- @gea.sur
- @ei.ambiental
- @institutoconexaonatureza
- @ninaunirio
- @gitakaunirio

Produtos Educacionais:

Produtos disponibilizados no site do Colégio Pedro II, no Repositório Institucional Petrus:

- **O serelepe e o gambá:** Um caderno de possibilidades de práticas docentes de educação ambiental crítica na educação infantil, autores: Lívia de Borja Reis e Edgar Miranda da Silva;
- **Letramento científico docente:** uma construção coletiva na educação infantil, autoras: Alessandra da Silva Ribeiro e Aline Viégas;
- **Reconectar criança e natureza:** ideias de práticas pedagógicas para educação infantil, autoras: Katiany Khristiny Coutinho e Aline Viégas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil de tempo integral deve se preocupar com a integralidade do ser, da criança. Essa integralidade perpassa pelo bem-estar físico, social e ambiental, uma vez que as interações com o outro e com o meio são pontos importantes da educação infantil.

Fomentar o desemparedamento nas creches e escolas é um desafio árduo e difícil em muitas realidades, porém necessário. A partir da conscientização da equipe escolar, da comunidade e das secretarias de educação podemos quebrar algumas paredes, ampliar, reinventar e ressignificar espaços, oferecendo às crianças vivências que as conectem com a natureza e com a liberdade de seus corpos.

Concluimos que desemparedar é verbo e é preciso ação, é preciso fazer e agir. Mesmo que inicialmente sejam ações pequenas, mas é necessário começar e mudar as práticas emparedadoras e repensarmos as construções de unidades escolares que negam às crianças vivências significativas e um crescimento saudável.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Katiany Khristiny. **Reconectar crianças e natureza:** possibilidades para a Educação Infantil. 2022. 151 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996;

LOUV, Richard. **A Última criança na natureza:** resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. Tradução de Alyne Azuma e Cláudia Belhassof. São Paulo: Aquariana, 2018.

MATARUNA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política, 1998. Apud: TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria,** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

MONTESORI, Maria. **Pedagogia Científica:** A descoberta da criança. Tradução de Aury Azélio Brunetti. São Paulo: Editora Flamboyant, 1965.

SAHEB, Daniele. **A educação ambiental na educação infantil:** limites e possibilidades. REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Volume Especial, p. 133-158, jul/dez 2016.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

APÊNDICE A – Plano de ação

Abaixo apresentamos os Planos de Ação utilizados pelos professores e equipe diretiva para analisar os espaços externos da UMEI Regina Leite Garcia. O primeiro plano serviu para observar os fatores limitantes dos espaços, as dificuldades e o que precisa melhorar. O segundo plano foi utilizado para que os professores e equipe diretiva observassem as potencialidades que os espaços já possuem de antemão e que atividades já poderiam ser realizadas e como.

ESPAÇO: _____				
FATORES LIMITANTES	O QUE FAZER?	QUEM IRÁ FAZER?	QUANDO IRÁ FAZER?	Necessita de recursos financeiros? De onde virá este valor?

ESPAÇO: _____				
POTENCIALIDADES	O QUE PODEMOS FAZER NESTE LUGAR?	COMO FAZER?	QUANDO?	MATERIAIS E RECURSOS A SEREM UTILIZADOS

